Anais | I Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura - SEMLACult
Actas | I Seminario Latinoamericano de Estudios en Cultura - SEMLACult
28, 29 e 30 de junho de 2017, Foz do Iguaçu/PR, Brasil | claec.org/semlacult

Educação escolar indígena – a prática docente dos Guarani Mbya

Educación escolar indígena – la práctica docente de los Guarani Mbya

Mestranda Janaína Aline dos Santos e Souza[1]

Resumo

Este trabalho, vinculado a pesquisa de Mestrado em andamento, propõe o seguinte problema de pesquisa: o que o professorado indígena Guarani Mbya entende ser sua prática docente? Parte-se do pressuposto de que a educação escolar indígena, mais precisamente a partir de 1970, começa a ser ressignificada pelos próprios movimentos e organizações indígenas – reestruturando uma instituição tipicamente não-indígena, norteada até então por princípios de catequização, civilização, integração e preservação –, e que sua reconstrução junto aos projetos de futuro de cada etnia se constitui potencialmente como inovação educacional, superando seu caráter colonialista. Esta pesquisa pretende verificar se a visão que os professores e professoras indígenas têm de suas práticas se fundamenta ou não no modo de transmissão dos saberes tradicionais de sua cultura. No primeiro caso, tais práticas estariam inscritas na luta por reconhecimento e seriam adaptadas à atividade escolar. No entanto, as práticas docentes podem também ser mera reprodução do modelo de ensino escolar predominante, originalmente não-indígena, ainda que se trate oficialmente de uma escola diferenciada. Para examinar essas alternativas, vêm sendo realizadas entrevistas e observação direta na Escola Estadual Indígena *Gwyra Pepo*, localizada na região de Parelheiros, no município de São Paulo. As informações recolhidas serão analisadas por meio das bases teóricas das pesquisas antropológicas sobre os Guarani e sociológicas sobre inovação educacional, bem como pelo recurso às produções da etnologia ameríndia a respeito da educação escolar indígena.

Palavras-Chave: educação escolar indígena, Guarani Mbya, inovação educacional, prática docente.

Resumen

Este trabajo trata de las actividades desarrolladas a nivel de postgrado, para el cual se propone el siguiente problema de investigación: ¿cómo el profesorado indígena Guaraní Mbya entiende su práctica docente? Partimos del presupuesto que la educación escolar indígena, más precisamente a partir de los años 1970, comienza a ser re-significada por sus propios movimientos y organizaciones – de modo a reestructurar una institución típicamente no indígena, guiada hasta entonces por los principios de la catequesis, la civilización, la integración y preservación - y que a lo largo del proceso de su reconstrucción, sumada a proyectos futuros de cada grupo étnico, se constituye potencialmente como una innovación educativa, superando de ese modo su carácter colonial. Este estudio investiga si los maestros indígenas basan su práctica docente en el modo de transmisión de los conocimientos tradicionales de su cultura. En este caso, dichas prácticas estarían inscritas en la lucha por el reconocimiento y se adaptarían a la actividad escolar. Sin embargo, las prácticas de enseñanza también pueden ser una mera reproducción del modelo de enseñanza escolar imperante, originalmente no indígena, aunque oficialmente se trate de una escuela diferenciada. Para examinar estas alternativas se han llevado a cabo entrevistas y una observación directa en la Escuela Estatal Indígena Gwyra Pepo, situada en la región de *Parelheiros*, en São Paulo. La información recopilada será analizada a través de los fundamentos teóricos de la investigación antropológica sobre los Guaraní y sociológica sobre la innovación educativa, así como el aporte de la etnología en la educación indígena.

Palabras clave: educación indígena, Guaraní Mbya, innovación educativa, la práctica docente.

---

[1] (Mestranda em Sociologia da Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP, São Paulo, SP, Brasil; janaina.souza@usp.br).

Educação escolar indígena – a prática docente Guarani Mbya

Em meados de 2010, conheci as comunidades indígenas Krukutu[2] e Tenonde Porã[3], no extremo sul do município de São Paulo, na Barragem, em Parelheiros. Ambas as aldeias pertencentes ao povo Guarani Mbya. Frequentei com mais assiduidade a Tenonde Porã, conhecida por mim, em tempos de criança, como Morro da Saudade.

Adentrei o universo dos Guarani Mbya pela escola, com intuito de me aproximar mais do povo que eu já conhecia de alguma maneira, por residir próximo a eles, e de orientar meu percurso ao longo da licenciatura, o que acabou por contribuir bastante na minha própria prática docente. E, por consequente, a minha pesquisa de mestrado.

Quando os conheci, as duas principais impressões foram de que as terras indígenas garantiam a sobrevivência e manutenção de alguns aspectos culturais, bem como que a escola, mesmo sendo uma intrusa, provinda da cultura *jurua* (não guarani), poderia ser ressignificada. Era constante, por parte deles, a afirmação de que a escola era (e é!) diferenciada**.**

Mas o que era escola diferenciada? O que era a educação diferenciada? O que era, afinal, educação indígena? Ou melhor, o que era educação escolar indígena? Bittencourt (2002) distingue, em termos gerais, educação indígena de educação escolar indígena pelos processos de ensino e aprendizagem em que se estruturam, sendo que a primeira se baseia na oralidade e nas relações "intra e inter étnicas", além de não condicionarem a transmissão de seus valores, culturas e saberes a um determinado espaço institucional.

No entanto, é considerável levar-se em conta a diversidade de povos indígenas existentes no Brasil, entre os quais, segundo o Censo 2010, abrigaríamos em torno de 305 etnias, ignorando-se as 69 referências indígenas não contatadas, que resistem em se relacionar com a sociedade nacional. Esse dado permite avaliar o conjunto de singularidades que cada povo tem na sua forma de educar crianças e jovens, bem como o quanto a educação escolar indígena deve (ou deveria) tratar do que é específico e diferenciado de cada população étnica, culturalmente e linguisticamente estabelecida, embora seja institucionalizada e decorrente das situações de contato, que se norteiam por referências ocidentais e fundamentadas no domínio da escrita.

---

[2] Para salientar as palavras pertencentes ao vocabulário guarani, optei por colocá-las em itálico, exceto os substantivos próprios (etnônimos, antropônimos e topônimos), entre os quais, privilegia-se o uso de maiúsculas para os etnônimos seguindo a Convenção para Grafia de Nomes Tribais, estabelecida pela Associação Brasileira de Antropologia. Ademais, destaca-se que a prosódia guarani, de modo geral, é oxítona, o que leva a literatura atual a suprir os acentos.

[3] Atualmente, os dois territórios indígenas, Krukutu e Tenonde Porã, demarcados em 1980 como separados, foram reconhecidos como contínuos, com a assinatura da Portaria Declaratória da Terra Indígena Tenonde Porã, reconhecendo 15.969 hectares de ocupação tradicional do povo indígena Guarani. No entanto, para os Guarani, não deixam de ser duas *tekoa* (SILVA, 2015, p.52). Aliás, somam-se a estas as *tekoa* Kalipety e Guyrapaju. Cabe esclarecer, que *tekoa*, embora possa ser traduzido como aldeia, "não se refere aos limites de uma aldeia, mas indica um espaço onde se tecem relações entre parentes de um grupo local" (TESTA, 2008, p.294).

Por este viés, pode-se afirmar que as escolas indígenas são, conforme Tassinari (2001, p. 50), espaços de fronteira, de "articulação e troca de conhecimentos, assim como espaços de incompreensões e de redefinições indentitárias dos grupos envolvidos nesse processo, índios e não índios". São também inovadoras, como defende Abbonizio (2013), ao serem consideradas, hoje, como instrumento de luta, tendo sido outrora símbolos de aculturação e integração. Sempre foram lugares de encontros e de conflito entre dois mundos, entre dois saberes, o ocidental e o dos indígenas.

Partindo desses pressupostos, além das minhas observações de campo ao longo da licenciatura e de minhas experiências como professora, interessei-me pela visão que os professores e professoras indígenas têm de suas práticas, fundamentando-as no modo de transmissão dos saberes tradicionais de sua cultura, que estariam inscritas na luta por reconhecimento e seriam adaptadas à atividade escolar. Ou, apenas reproduzindo um modelo de ensino escolar predominante, originalmente não indígena, ainda que estivessem em um contexto oficial de escola diferenciada.

Supondo que a prática docente é norteada pelos princípios e engajamentos dos professores e professoras e que as decisões pedagógicas influenciam e mobilizam alunos e alunas, quais aspectos contribuiriam para o fortalecimento e valorização da própria cultura? Quais estratégias seriam usadas para que a escola se tornasse diferenciada? Como a prática docente poderia ser estratégia de luta por reconhecimento? Qual o papel desta prática frente às ressignificações da escola?

Visando identificar o caráter dessa educação, ao lado das variadas percepções possíveis entre não-indígenas, ganha relevância responder à pergunta: como o professorado indígena Guarani Mbya entende sua prática docente?

Para além de uma avaliação do que seja a educação escolar indígena ressignificada a partir das mobilizações dos movimentos e organizações indígenas, bem como das legislações que as favoreceram e favorecem sua autonomia, mesmo com os conflitos para sua efetivação, o estudo sobre como o próprio professorado indígena entende ser sua prática docente possibilita a compreensão dessa nova estrutura que se constitui, sendo caracterizada por sua inovação educacional.

Entendida aqui, a partir dos conceitos de Ghanem (2013, 2016), pelo seu caráter diferenciado em relação a práticas costumeiras em determinado lugar e determinado grupo social, acontecendo na base dos sistemas escolares, caracterizada pela sua variedade e localização. Por este viés, a educação escolar indígena ao se confrontar com a educação escolar convencional não indígena, tenta superar seu caráter colonialista.

Ademais, o fato de centrar-se numa única etnia, os Guarani Mbya, e para além dela, numa *tekoa* específica, Tenonde Porã, permite identificar esse processo dentro de demandas específicas, principalmente aquelas situadas dentro do contexto escolar da Escola Estadual Indígena (EEI) Gwyra Pepo, que fundada em 1997 pelas reivindicações da própria comunidade, atende hoje quase 300 alunos, do ensino fundamental ao ensino médio, da própria aldeia e de outras adjacentes.

Este olhar mais centralizado, possibilita uma análise mais sistemática, do que parecem-me como hipóteses imagináveis sobre como os professores e professoras indígenas

Guarani entendem sua prática docente, entre as quais, podê-la-iam classificar como uma apropriação do modo de transmitir os saberes tradicionais da cultura Guarani, baseadas no *nhande reko* (modo de ser e agir Guarani), engajados com o projeto de futuro, interesses e demandas da comunidade ou, na reprodução do modelo tradicional de ensino dos não indígenas, alheios à especificidade cultural dos(as) aprendizes.

Para tanto, traço como objetivos específicos a obtenção de uma descrição do próprio corpo docente da escola sobre suas práticas docentes e o esclarecimento dos sentidos que integrantes do corpo docente atribuem às práticas descritas.

Em que busquei a partir de um plano de trabalho constituído de quatro etapas, compor, inicialmente, uma fundamentação teórica, com o balanço de pesquisas antropológicas sobre os Guarani e sociológicas sobre inovação educacional, bem como de produções relacionadas à etnologia ameríndia sobre educação escolar indígena.

Posteriormente, numa segunda etapa, me aprofundaria em observações diretas na escola, acompanhando aulas, conselhos de classes, reuniões pedagógicas e intervalos, a fim de observar a realização das propostas pedagógicas desenvolvidas por cada docente, suas interações com suas turmas, com colegas e com a comunidade escolar.

Para em seguida, numa terceira etapa, investir em entrevistas com roteiros semiestruturados, construídos com base no aporte teórico e nas observações feitas na etapa anterior, tentando traçar um panorama a partir da visão de todos os professores e professoras indígenas da EEI Gwyra Pepo, focando como enxergam sua própria prática docente.

Até, por fim, baseando-me no exame da literatura pertinente e relacionando-o com os registros de observações diretas, bem como dos resultados das entrevistas, procurarei esclarecer, na análise, como o professorado indígena entende sua prática docente e como esta pode ser enquadrada, seja num viés de engajamento político seja de reprodução do ensino tradicional não-indígena, ou ainda em outra categoria que venha a surgir dos resultados obtidos com a reunião das informações.

Dessa maneira, em termos gerais, a pesquisa é de natureza qualitativa, centrada num trabalho descritivo bem detalhado, tendo em vista gerar informação consistente para ser agrupada em categorias correspondentes ao engajamento político ou à reprodução do ensino tradicional não-indígena. Os procedimentos adotados não demandam recursos materiais significativos.

Ao invés disso, eles requerem muita disponibilidade de tempo e especialmente capacidade de escuta, tanto nas observações diretas do ambiente escolar quanto nas entrevistas. Os procedimentos se organizarão de modo que as informações obtidas nas entrevistas possam ser verificadas e reexaminadas com recurso a novas consultas às pessoas entrevistadas.

A análise da literatura especializada, principalmente as pesquisas antropológicas sobre os Guarani, delineará aspectos culturais que favorecem a compreensão do processo de transmissão de saberes tradicionais que podem ser apropriados ou não na prática escolar, nesse caso, utilizando como base as obras de Schaden (1974), Testa (2007, 2015) e Pissolato (2007).

Além disso, entendendo a educação escolar indígena como possível inovação educacional, torna-se necessário centrar-me numa literatura específica sobre a temática, com as quais, Ghanem (2013, 2016) e Abbonizio (2013) a esclarecem, sob o viés de uma escola ressignificada, e que supera o caráter colonialista de sua formação.

Avaliada a partir de uma visão historiográfica construída a partir de Silva (2001), Bittencourt (2002) e Grupioni (2002), que traçam um panorama da educação escolar indígena que possibilita um olhar mais atento sobre o que seja a constituição de uma prática docente indígena, além dos próprios Referenciais para formação de professores indígenas.

Referências

ABBONIZIO, A. C. O. *Educação escolar indígena como inovação educacional*: a escola e as aspirações de futuro das comunidades. São Paulo, 2013. 193 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

BITTENCOURT, C. M. F. *Perspectivas históricas da educação indígena no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

GHANEM, E. As inovações da escola Tuyuka: superando a educação colonialista. Relatório Científico. São Paulo, 2016.

_____. Inovação em escolas públicas de nível básico: o caso redes da maré (Rio de Janeiro, RJ). *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 34, n. 123, p. 425-440, abr/jun. 2013.

GRUPIONI, L. D. B. *Caderno de apresentação:* Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

_____. *Olhar longe, porque o futuro é longe*: cultura, escola e professores indígenas no Brasil. 2008. 240 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

KAHN, M., AZEVEDO, M. O que está em jogo no desafio da escolarização indígena? In: *Educação escolar indígena em Terra Brasilis*: tempo de novo descobrimento. Rio de Janeiro: Ibase, 2004. p. 57-80.

PISSOLATO, Elizabeth. *A duração da pessoa:* mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani). São Paulo: Unesp, 2007. 445 p.

SCHADEN, E. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. 2. ed. São Paulo: USP, 1974.

SILVA, A. L., FERREIRA, M. K. L. *Antropologia, história e educação:* a questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001.

TASSINARI, A. M. I. A educação indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, A. L., FERREIRA, M. K. L. *Antropologia, história e educação:* a questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001.

TESTA, A. Q. *Palavra, sentido e memória:* educação e escola nas lembranças dos Guarani *Mbya*. 2007. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo – SP. 2007.

_____. *Caminhos de saberes guarani mbya*: modos de criar, crescer e comunicar. 2014. 308 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo.